MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2000 **nº 210**

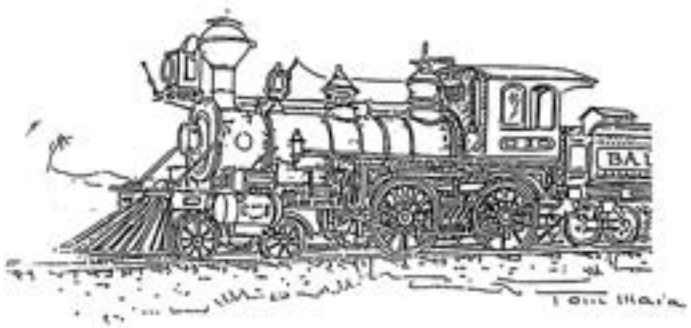
"A DANÇA DAS HORAS..."

Com a publicação desta monografia de número 210, o Museu Frei Galvão encerra o século XX e inicia o novo século-milênio.

O tema escolhido, registra a forma como era marcada a passagem do tempo, na visão de "uma adolescente durante os Anos Dourados", em Guaratinguetá. É uma crônica muito interessante para o estudo futuro da história quotidiana em uma cidade paulista, em meados do século XX.

*O texto transcrito é do livro **"Histórias para meus Netos"**, de Maria Lúcia Tassara Rodrigues, recentemente lançado no Museu Frei Galvão. Em sua apresentação, este livro, que seria uma autobiografia, torna-se em delicioso documentário de toda uma época na vida não apenas de Guaratinguetá, mas igualmente de outras cidades, até mesmo da Capital. É um trabalho que, por seu valor memoralista, deve ser colocado junto de **"Minha Vida de Menina"**, de Helena Morley, na Diamantina de sua infância, de **"Tempo e Memória"**, de Maria Thereza Ramos Marcondes, na Taubaté de tempos atrás, e de **"Salto de Vida"**, de Betina Marino, situando em suas crônicas, a Guaratinguetá das primeiras décadas do século XX.*

Como residíamos na Rua do Porto, atual Comendador Rodrigues Alves - que saindo da Praça Conselheiro desembocava no Porto que existia no nosso querido Rio Paraíba - daí o seu apelido, nosso modo de ouvir e saber as horas eram o sino da Matriz, os trens da estrada de ferro Central do Brasil, o apito da Fábrica de Cobertores do Pedregulho, os ruídos



sobre a Ponte Metálica ligando a cidade ao Pedregulho (acredite se quiser) e o Rádio.

Os sinos das Igrejas, devem ter sido o primeiro "som-horário" que tiveram nossos antepassados.

Trazidos pelos jesuítas para a colonização do país, chegou até aqui, naturalmente na bagagem dos padres e bandeirantes.

Sem poluição sonora para impedir a propagação de seu som, e sendo a cidade menor, o sino nos chamava diariamente para:

- a missa da matina (ou das almas) às cinco horas da manhã.
- a missa das sete.
- a missa das oito e das dez aos domingos.

Tocava ao meio-dia e as seis horas da tarde para o Ângelus. Depois nos chamava para a "Reza" à noite quando então encerrava os seus chamados.

Nas festas de santos - ele anunciava a saída e a chegada das procissões.

Quando havia falecimento na cidade ele "chorava" tocando tristemente.

- Nha Dita, chamava vovó por sobre o muro do quintal: escutou o sino chorar hoje? Quem morreu?

- Escutei sim dona Zinha, respondia a amiga vizinha. Fiquei sabendo que foi dona "Zeca boleira" lá pras bandas da Rua Nova.

- Coitada! Eu comprei muito biscoito de polvilho dela. Era minha conhecida! Tenho de ir ao velório.

E, lá iam as duas ao velório anunciado pelo sino, cumprindo seu dever social.

Quando não chorava tristemente, o sino bimbalhava alegremente. Era sinal de casamento, ou qualquer outra festa.

E, assim muito antes do relógio da torre da Matriz marcar hora, o sino já nos dava não somente o horário, como também os acontecimentos sociais.

Outra referência que nos fazia dispensar o relógio, pelo menos para nós moradores da Rua do Porto, Nova, da Palha e adjacências, eram os trens da Central.

Muito usado há mais de uma centena de anos, e com as linhas atravessando a maior parte das cidades do Brasil, os trens (nem sempre muito pontuais) nos contavam as horas com o seu ruído e apito das maria-fumaças.

- Comadre, dizia madrinha Dinorah para mamãe ou vovó, o "Rápido" do Rio hoje está atrasado. Ou então: - Tista, dizia para mamãe, o "Expressinho" hoje adiantou. Ou ainda: o "Noturno" hoje veio no horário. Antônio chegou mais cedo para dormir. Referia-se, com conhecimento de causa, ao marido que trabalhava na Estação como carregador de malas. E, havia ainda o "Pulman" que era o trem dos ricos, e o "Carga" que carregava bois e cargas cruzando-se do Rio de Janeiro para São Paulo. Todos com horários certos, mesmo de madrugada "avisando" os moradores da hora.

Era ouvir e adivinhar que hora era...

Havia também, no Pedregulho a fábrica de cobertores, que empregava centenas de operários que eram chamados pelos seu "apito-cigarra".

Seu primeiro sinal, às cinco da matina era repetido alguns minutos depois para avisar que era hora de iniciar-se a labuta. Depois, as onze horas era o almoço, em seguida à uma, a volta ao trabalho. O sinal do lanche e intervalo, o sinal da saída às 17 horas. E, havia ainda o turno da noite, esse mais recente. Ainda hoje, me guio conforme o horário da fábrica. Isso, quando a poluição sonora não está em alta. Havia também o apito da Azulai, hoje desativada, fábrica que ficava na avenida para Aparecida.

Nos tempos de estudante, ainda seguia a hora, pela manhã, pelos ruídos que faziam as rodas metálicas das carrocinhas do leite que costumavam atravessar a ponte por volta das cinco horas.

- O leiteiro está passando na ponte. Vou levantar para estudar, pois devem ser cinco horas, pensava eu, sem nem olhar para o despertador de duas campainhas que eu "odiava". Costumava dizer que ele com seu retinir irritante acordava até os mortos do Cemitério dos Passos.

Então travava o relógio e ia para os estudos. Havia também a carrocinha dos padeiros que atreladas à bicicletas faziam um ruído sui-generis sobre o metal do piso da ponte. Eram horas de levantar...

Com o advento do rádio, pela década de trinta seguia-se a hora por ele, mesmo que não nos dissesse claramente.

À noite alguém ouvia o som do "Guarani", a música de Carlos Gomes (mais famosa).

Corria-se para o rádio pois era a Hora do Brasil, o Jornal Nacional da época. Os adultos juntavam-se junto ao pé do rádio para ouvir as notícias brasileiras. Ou o Repórter Esso, no tempo da guerra.

As crianças? Saiam correndo, para gáudio dos mais velhos, pois "elas não gostavam do programa em que não havia música"...

Mais tarde, já na década de 50, com a proliferação dos aparelhos e com a nossa Rádio Clube de Guaratinguetá, então nos guiávamos pelas músicas ouvidas de perto ou longe...

Domingo - música de Francisco Alves - Praça Rodrigues Alves cheia de rapazes e moças pós - missa das dez: Francisco Alves cantando?

- Gente! é meio-dia, hora de "Os ponteiros apontam para o infinito", vou-me embora, estou atrasada para o almoço. E, a debandada era geral.

Dia de semana, 18 horas, Júlio Louzada dava conselhos na Rádio Nacional - 6,30 - Música de "Jerônimo o Herói do Sertão" (da Rádio Tupi) - Gente! Estou atrasada para o cinema das sete, pois vovó já está lá dentro ouvindo o Jerônimo, dizia eu para a amiga já despedindo-se no portão.

- Três horas da tarde? Hora do estudo, pois Dona Rosa (vizinha) já está ouvindo o "Presídio de Mulheres"... da Nacional.

- O Guarani (peça de Carlos Gomes) às 7,30, na "Hora do Brasil". Música do Colgate - Palmolive? Oito horas - o drama "O Direito de Nascer" fazia-nos "chorar pitangas".

Os gingles também nos davam dicas do horário:

"O perfume, paira no ar... Valerí, Valerí, Valerí"... era o programa das nove...

E assim, os habitantes ao ouvirem a música, mesmo fora de casa, sabiam dizer as horas e sem o auxílio do relógio.

Na rádio Clube de Guaratinguetá, às 18 horas, ouvia-se a Ave-Maria que era cantada em latim e que fazia toda a cidade, orar junta. Eu a cantava de cor, numa língua que só aprendi mais tarde e só então "descobri" que a letra que eu sabia na ponta da língua era a própria oração passada para o latim:

Ave Maria

Gracia plena!

Dominus tecum; benedicta tu!

Era a hora mística da cidade e a gente dizia a oração, onde quer que estivesse. Eram dezoito horas, a hora do Angelus...

Oúviam-se ainda as sinetas das escolas, o relógio da Matriz, tudo conforme o local em que se residia.

Isso nos bons tempos, em que não existia poluição sonora.

Hoje, ainda ouço, nas madrugadas o ruído das trens de carga que passam pela mesma linha antiga. O apito da Maria fumaça não mais existe. E, no entanto não sei dizer mais a hora por eles. O barulho dos caminhões na Dutra é intenso na madrugada. Ouço também, às vezes, o apito da fábrica que ainda chama seus operários. O sino, não dá mais para ouvi-lo, devido ao ruído do tráfego pesado em minha rua na Vila Paraíba.

O rádio? Quase não se ouve. Apenas a cigarra da Rádio Clube na Praça anunciando 8 horas da manhã. E, a empregada na cozinha ouve o locutor dizer "meio-dia, panela no fogo, barriga vazia" chamando dona Maria para preparar o almoço. Na Praça um enorme relógio eletrônico nos marca a hora e a temperatura.

E, como reminiscência dos antigamente, sei quando são 19,30 horas, se escuto a música do Jornal Nacional da Globo, na TV da vizinha.

É o progresso.

Sinal dos tempos!

Mas, enquanto conseguirmos dizer as horas, pelo canto dos pássaros ao amanhecer, ainda haverá esperança para todos...

Maria Lúcia Tassara Rodrigues

Nota do Museu Frei Galvão

O texto acima é transcrição das páginas 134 a 138 e está datado de 15 de outubro de 1993.

- Rodrigues, Maria Lúcia Tassara - Histórias para meus Netos. Notas familiares de uma adolescente, passadas em Guaratinguetá, durante os Anos Dourados. Apresentação de Thereza e Tom Maia Gráfica e Editora Dias Guaratinguetá. 2000.